

LABORATÓRIOS DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS DE CULTURA DE PAZ E CIDADANIA

JOSÉIVALDO DE LUCENA
JULIANA FERREIRA DA SILVA
JUSSARA M. DE OLIVEIRA SEIDEL
MARIA CRISTINA TELES ARAÚJO
MARIA DE LOURDES DE ALMEIDA SILVA
RAFAEL FELIX LEITE
VANILDES GONÇALVES DOS SANTOS

RESUMO

O presente artigo apresenta o Projeto de Extensão Laboratórios de Mediação de Conflitos na Construção de Territórios de Cultura de Paz e Cidadania, que capacitou diversos atores da comunidade Centro de Ensino Fundamental 427, de Samambaia (DF), para a resolução não violenta de conflitos, por meio de laboratórios baseados na Educação Popular e Psicodrama socioeducacional, integrando educação presencial e virtual. Resultados revelam o empoderamento da comunidade para a autonomia, busca por direitos humanos, relações pautadas na cultura de paz, resolução não violenta e respeito à diversidade.

Palavras-chave: Mediação de conflitos.
Resolução não violenta. Cultura de paz.
Comunicação não violenta. Cidadania.

INTRODUÇÃO

O Projeto Laboratórios de Mediação de Conflitos na Construção de Territórios de Cultura de Paz e Cidadania constitui-se estratégia para os “Círculos de Cultura de Paz e Cidadania” da pedagogia de Paulo Freire, tendo como mote a paz e a resolução não violenta dos conflitos, para o desenvolvimento da cidadania ativa e emancipatória. Os círculos de cultura de paz podem contribuir para o processo de construção de uma cultura de paz, em razão de seu caráter participativo, dialógico e democrático (CONIC, 2005). Nascidos dos estímulos das igrejas cristãs, os territórios de paz têm como fundamento a necessidade das próprias comunidades atingidas pela violência de agir com os recursos de que dispõem. A intenção não é montar ou ampliar sistemas de segurança preventivos e punitivos e/ou fazer justiça pelas próprias mãos, mas construir nas áreas que vivem, e em torno delas, espaços de verdadeira paz e respeito mútuo entre as pessoas. Trata-se de construir iniciativas pacifistas a partir da base, na convicção de

que a paz não virá por decreto dos dirigentes, mas por um acordo e uma dinâmica que diga respeito a todos os envolvidos.

Dessa forma, o projeto visou desenvolver um território de cultura de paz e cidadania a partir do Centro de Ensino Fundamental 427 da cidade de Samambaia (DF), por meio de um processo de capacitação que envolveu os diferentes atores que fazem parte da comunidade local, para a resolução não violenta de conflitos. Com o desenvolvimento do projeto, outros educadores do Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC) Helena Reis, da Escola Classe 415, servidores do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) de Samambaia também integraram-se à capacitação, aumentando o alcance do projeto. O projeto constituiu-se, portanto, um esforço para construir, na comunidade acadêmica e na comunidade local, novas relações pautadas na cultura de paz, na resolução não violenta de conflitos e no respeito à diversidade (cultural, gênero, étnico-raciais, sexual). Como resultado, almejou-se contribuir para o empoderamento da comunidade, tendo em vista a autonomia, o desenvolvimento, a busca pelos direitos individuais e coletivos e o avanço da conquista dos direitos humanos.

CONFLITO, VIOLÊNCIA E CULTURA DE PAZ E CIDADANIA

Diferente da ideia em vigor no senso comum, paz não é apenas ausência de guerras ou a submissão calada à ordem instituída. Cultura de paz, na perspectiva da mediação de conflitos, é conviver com os conflitos, ou até provocá-los, com o objetivo de fazer com que cada um(a) assuma seus compromissos na efetivação da ordem democrática. Para que isso possa ocorrer, é necessário repensar nossa forma de lidar com os conflitos. O conflito não é um obstáculo à paz. Pelo contrário, para construir uma cultura de paz é preciso mudar atitudes, crenças e comportamentos. A paz é um conceito dinâmico que nos leva a provocar, enfrentar e resolver os conflitos de uma forma não violenta. Uma educação para a paz reconhece o conflito como um caminho para o desenvolvimento, que não busque sua eliminação, mas modos criativos e não violentos de resolvê-los.

Nessa perspectiva, Weil (2002) critica a visão da paz como fenômeno externo ao homem, indicando que a paz está dentro de nós – ou então não existe. Se for no espírito dos homens e mulheres que começam as guerras, então, é nas escolas da Terra que se moldará a nova consciência, capaz de pôr um termo a toda violência. A paz é, no atual contexto da humanidade, um clamor e uma reivindicação compartilhados. Em todos os espaços políticos, educacionais, na família,

nas rodas de amigos a temática tem se mostrado como central.

“ Uma educação para a paz reconhece o conflito como um caminho para o desenvolvimento, que não busque sua eliminação, mas modos criativos e não violentos de resolvê-los ”

A escola, que pressupostamente deveria ser um espaço mais seguro, tem sofrido de forma mais intensa com situações de violência, seja uma violência simbólica ou agressões verbais e xingamentos (CARVALHO, A. L. H.; PINHO, L. G., 2012). Estamos diante de uma realidade provocada por violências de cunho estrutural e também cultural, na qual pessoas são bombardeadas com ideias individualistas e estão perdendo a paciência e o respeito pelo outro; ao invés do diálogo, passam a resolver de forma violenta os conflitos que são próprios das relações cotidianas. É fundamental que todos envolvidos no ambiente escolar – familiares, professores, funcionários, estudantes – possam aprender a dialogar e transformar conflitos em aprendizagem e mudança (CECCON et al, 2009, p. 33).

Muitas vezes, a opção pela violência na resolução dos conflitos dá-se pela falta de conhecimento de alternativas. Seidel (2007) afirma que podemos perceber uma tendência geral para uma visão negativa do conflito. Os conflitos, porém, são normais e não são, em si, positivos ou negativos, maus ou ruins. É a

resposta que se dá aos conflitos que os torna negativos ou positivos, construtivos ou destrutivos.

MODELO DE EDUCAÇÃO DE LABORATÓRIO E A APRENDIZAGEM EM EAD

O modelo de Educação de Laboratório é fundamentado no ciclo de aprendizagem teórico-vivencial e no psicodrama socioeducacional cuja metodologia busca promover mudanças pessoais com base nas experiências relacionadas ao cotidiano dos protagonistas. Esse desenvolvimento é mediado pela compreensão das dimensões cognitivas, emocionais, atitudinais e comportamentais do aprendiz. O projeto é permeado também por uma perspectiva de educação popular, haja vista que essa é uma abordagem que facilita a aproximação dos conteúdos da academia com o cotidiano da população atendida (NININ, 2008).

A perspectiva da educação popular valoriza, no processo pedagógico, o saber anterior da comunidade com a qual se pretende contribuir para a transformação, pois no trabalho, na vida familiar e comunitária, na luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida, as pessoas vão conquistando entendimento sobre a sua inserção na sociedade. Dessa forma, é possível desenvolver um diálogo em que o ensinante também é aprendiz e o aprendiz também é ensinante (FREIRE, 1987). Essa metodologia contribui, a partir da

codificação e decodificação de conceitos, para o empoderamento das pessoas na atuação coletiva em comunidade, para o alcance de objetivos comuns. No caso deste projeto, a construção de território de cultura e cidadania, por meio da resolução não violenta de conflitos.

A modalidade de Educação a Distância (EAD) tem conquistado o campo educacional mais intensivamente nos últimos anos e tem também se revelado um importante instrumento na inovação do desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem, complementando e servindo de apoio importante em muitos processos de educação desenvolvidos presencialmente, tornando-os semipresenciais. A EAD é uma modalidade de educação que tem por objetivo estabelecer conexões entre pessoas para fins de aprendizagem, por meio da utilização de tecnologias da informação e comunicação.

DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS PRÉVIOS DO PROJETO

O projeto foi implementado em quatro etapas e teve outros desdobramentos, a saber:

Primeira etapa: laboratórios de formação de multiplicadores

Na primeira etapa do projeto, foram capacitados, nas modalidades presencial e a distância (EAD), um total de 21 (vinte e um) profissionais, sendo 14 (quatorze) educadores do Centro de Ensino Fundamental 427 da

cidade de Samambaia (DF), 02 (dois) educadores do CAIC Helena Reis, 01 (um) educador da Escola Classe 415 e 04 (quatro) servidores do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), para atuarem como multiplicadores do conhecimento das estratégias de resolução não violenta de conflitos. O projeto foi realizado por meio de parceria formalizada entre a Universidade Católica de Brasília (UCB) e a equipe diretiva do Centro de Ensino Fundamental 427 da cidade de Samambaia (DF). A aceitação do projeto foi positiva pelos gestores, que mostraram-se interessados e esperançosos quanto ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes de mediação de conflitos. Após o aceite por parte dos gestores, foi iniciado o processo de mobilização do grupo de educadores, explicando o projeto para os profissionais que atuam na escola: professores, agentes administrativos e demais funcionários. O ingresso na capacitação deu-se pelo critério de adesão. Foram oferecidas 50 (cinquenta) vagas, distribuídas em 2 (duas) turmas com 25 (vinte e cinco) vagas cada, 1 (uma) no período matutino e 1 (uma) no período vespertino. O projeto recebeu 40 (quarenta) inscrições no primeiro momento. Devido às questões diversas, algumas pessoas não participaram do projeto. As principais situações vivenciadas envolveram indicativo de greve nas escolas públicas no início do ano letivo de 2013, sendo que algumas assembleias coincidiram com as datas dos encontros e isso desmobilizou parte dos

inscritos. Alguns profissionais eram contratados e poderiam ser lotados em outras escolas, isso dificultaria a negociação com os novos gestores, além da dupla ou tripla jornada de trabalho dos educadores em diferentes escolas, a própria demanda das atividades escolares e, por fim, a demanda do projeto em relação à participação efetiva em todas as etapas, especialmente no que se referia à multiplicação prevista para a etapa seguinte.

Vencidos esses desafios, formaram-se 2 (duas) turmas. A turma matutina contou com 10 (dez) participantes e a vespertina contou com 17 (dezesete) participantes. Desses 27 (vinte e sete), chegaram ao final da primeira etapa 21 (vinte e um) participantes. Dos outros 6 (seis), 2 (dois) educadores do CEF 427 concluíram toda a primeira etapa e não realizaram o processo da multiplicação e 4 (quatro) servidores do CRAS iniciaram a primeira etapa, mas não concluíram e foram novamente convidados a participar da segunda etapa. Conforme acordado com os participantes, as atividades presenciais semanais com duração de 4 (quatro) horas foram realizadas, em forma de rodízio, ora no Centro de Ensino Fundamental 427, ora na UCB, ora no CAIC Helena Reis, ora no CRAS.

A metodologia educacional utilizada integrou tanto a modalidade presencial quanto a distância. Na modalidade a distância, o projeto disponibilizou uma sala de aula no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da

UCB Virtual. Os participantes da primeira etapa foram matriculados nessa sala de aula e utilizaram todas as ferramentas de comunicação e recursos tecnológicos disponíveis no modelo educacional da UCB Virtual. As interações no AVA da UCB Virtual foram moderadas pelos pesquisadores e bolsistas do projeto, uma vez que todos os docentes envolvidos no projeto, além da experiência com o tema, têm experiência na Educação a Distância (EAD) da UCB Virtual. Dessa forma, um dos resultados deste projeto foi também a capacitação dos participantes para a utilização do ambiente virtual de aprendizagem, uma ferramenta atual no contexto contemporâneo da capacitação continuada de profissionais e cada vez mais fundamental na sociedade da informação em que vivemos. Na modalidade presencial, as vivências do laboratório integraram as três dimensões fundamentais da pessoa humana: corpórea, emocional e intelectual. Cada vivência se desenvolveu em três fases: aquecimento, ação dramática e comentários. O aquecimento preparou e mobilizou o grupo para o tema; a ação dramática possibilitou uma compreensão profunda do que estava acontecendo e os comentários contribuíram para a ressignificação do que foi vivenciado, por meio da partilha dos sentimentos e da reelaboração da ação no contexto. Para a eficiência e eficácia da abordagem, atuamos em dupla, como diretor e ego-auxiliar. Foram realizados aquecimentos com jogos dramáticos, vivências e danças circulares, favorecendo o desempenho espontâneo e

criativo e aquecendo-os para a prática realizada. Para trabalhar os conteúdos intelectuais e emocionais relativos aos conflitos, recorreu-se à ação dramática com estudos teórico-vivenciais dos temas, trabalhos em grupo e exposição participativa. Como conclusão dos processos desenvolvidos a cada encontro, os participantes e pesquisadores fizeram seus comentários próprios e houve o encerramento com jogos dramáticos, vivências e danças circulares. Os encontros constituíram-se em momentos de compartilhamento das vivências, das emoções mobilizadas e dos aprendizados realizados.

A capacitação dos multiplicadores contou com a carga horária de 120 (cento e vinte) horas/aula e a do segundo grupo, 20 (vinte) horas/aula. Os concludentes receberam a certificação de Curso de Extensão em Mediação de Conflitos na Construção de Territórios de Cultura de Paz e Cidadania, no dia 4 de novembro de 2013, em cerimônia de encerramento com a presença de autoridades e demais parceiros. Foram aprovados e beneficiados diretamente 108 (cento e oito) participantes, mediante a realização das atividades propostas, cumprimento de pelo menos 75% da carga horária e multiplicação da proposta na segunda etapa. Sendo 21 (vinte e um) multiplicadores da primeira etapa. Na segunda etapa, 10 (dez) educadores do CAIC Helena Reis, 34 (trinta e quatro) servidores do CRAS/CREAS e 41 (quarenta e um)

estudantes do CEF 427. Para a realização do projeto, contamos com algumas parcerias importantes, sendo externas à UCB: a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda do Distrito Federal – SEDEST; a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal por meio do Centro de Ensino Fundamental 427; CAIC Helena Reis e Escola Classe 415 e o Centro Popular de Formação da Juventude – Vida e Juventude. Como parceiros internos, contamos com a infraestrutura da UCB Virtual e o apoio da Diretoria dos Programas de Extensão da UCB.

Segunda etapa: multiplicação dos laboratórios de formação em resolução não violenta de conflitos com atores sociais

A segunda etapa consistiu na capacitação de outros educadores das escolas, estudantes que não participaram da primeira etapa e de demais atores da comunidade, servidores do CRAS/CREAS. Essa nova etapa de capacitação foi ministrada pelos facilitadores treinados na primeira etapa do projeto, sob a supervisão da equipe de pesquisadores.

Foram formadas 05 (cinco) turmas integradas por servidores do CRAS e CREAS, professores e estudantes do CEF 427, do território de paz que estava sendo trabalhado. O processo de elaboração dos produtos dessa segunda etapa foi construído conjuntamente entre pesquisadores e

educadores participantes da primeira etapa. Foi realizado um encontro de planejamento, onde os participantes escolheram sociometricamente (foram motivados a escolher voluntariamente) o grupo de atores que iriam capacitar. A primeira questão apresentada para reflexão foi “quais outros profissionais eles achavam importante convidar para que conhecessem a proposta?”; a segunda questão foi “com quais grupos eles gostariam de atuar?”. Dentre as opções para a primeira questão, surgiram: direção, coordenação, mães atendidas pelo Programa Bolsa Família (programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza), estudantes, servidores do CRAS e CREAS. Diante da resposta à segunda questão, tivemos os seguintes atores: 2 grupos de estudantes de 8º ano do CEF 427, 1 grupo de professores do CAIC Helena Reis e 2 grupos de servidores do CRAS e CREAS. Segundo sua própria tendência, cada educador se reuniu com os demais participantes que se interessavam por trabalhar com o mesmo conjunto de atores sociais.

A partir das escolhas dos participantes, cada grupo elaborou o planejamento da capacitação que iria oferecer, sob a supervisão de um dos pesquisadores, com o objetivo de balizarem-se em torno das atividades que compõem os laboratórios de mediação de conflitos. Os laboratórios dessa segunda etapa foram conduzidos pelos multiplicadores formados na primeira etapa e

realizados por meio de atividades presenciais semanais com duração de 4 (quatro) horas, em lugares diversos. Os estudantes do CEF 427 reuniram-se na Universidade Católica de Brasília, às segundas-feiras. Os professores reuniram-se no CAIC Helena Reis, às quartas-feiras e os servidores do CRAS/CREAS reuniram-se no CRAS de Samambaia, às terças-feiras e sextas-feiras. A equipe do projeto realizou as supervisões da prática, por meio da avaliação/partilha da realização dos laboratórios, inclusive com o apoio da plataforma moodle da UCB Virtual. Os grupos tiveram a seguinte configuração:

No grupo A participaram servidores do CRAS e o estagiário do Projeto como condutores do processo educativo. Alcançou o público de 34 (trinta e quatro) servidores do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). O tema foi: *Mediação de Conflitos com enfoque em Comunicação Não Violenta*. O grupo de multiplicadores optou por realizar a mesma formação recebida na primeira etapa, sendo que foi ampliado o conteúdo de *Comunicação Não Violenta*, por entenderem que os servidores lidam com muitas demandas de atendimentos e que os conflitos gerados por uma comunicação inadequada e violenta ainda prevalece.

Realizar a multiplicação com servidores do CRAS e do CREAS foi muito desafiador e motivador. Desafiador em função das demandas reais de violação de direitos com

as quais eles estão em contato diariamente. Muitas dessas envolvendo humilhações sociais, que segundo Fernando Braga da Costa “é um sofrimento ancestral e repetido” (COSTA, 2004, p.22). O trabalho foi motivador em função de o grupo trazer situações de seu cotidiano laboral e muitos comentários carregados de afeto e desejos de mudança. Além do real desejo dos participantes em encontrar metodologias eficazes para os problemas sociais que eles enfrentam, o grupo de multiplicadores mostrou-se muito comprometido e sentimos que eles também ampliaram seus conhecimentos à medida que repassavam o aprendizado do primeiro semestre. E conforme nos ensina Paulo Freire (2003), há sempre um ato político na prática do ensino e aprendizagem, sendo tais esferas inseparáveis no processo de formação e transformação de pessoas, onde quem ensina aprende e quem aprende ensina.

“ demandas reais de violação de direitos com as quais eles estão em contato diariamente. Muitas dessas envolvendo humilhações sociais, que segundo Fernando Braga da Costa “é um sofrimento ancestral e repetido ”

Participaram efetivamente 34 servidores que têm ligação com o território da Escola Classe 427, do CAIC Helena Reis e da Escola Classe 415, em função das demandas das mães beneficiárias do Programa “Bolsa

Família”, cujos filhos precisam frequentar a escola para garantir o benefício mensal. Tanto a escola quanto o CRAS e o CREAS sabem o quanto é desafiador para as famílias manterem os filhos nas escolas, em detrimento de tantos estímulos sociais mais apelativos. Para o curso, foram previstos 4 encontros, mas a pedido do grupo, realizamos 5 encontros, e tal ampliação foi muito bem avaliada. Na avaliação dos participantes, é necessário ampliar o tempo dos Laboratórios, incluindo mais dias para as vivências e treinamentos. Todos os conteúdos foram bem recebidos e alguns encarados como novidade, principalmente o conceito de conflito como algo positivo à vida e em relação aos elementos da Comunicação Não Violenta (CNV) e Escuta Ativa, que tiveram ainda mais importância nos casos que eram trazidos pelos participantes aos encontros. O grupo aponta como pontos altos dos laboratórios: a metodologia de grupo, que envolveu a todos no aprendizado; aprender sobre a importância das estratégias do mediador; os exemplos dados pelos facilitadores; aprender e treinar as etapas da mediação e negociação. Sentimo-nos privilegiados ao acompanhar esse grupo, que demonstrou muita dedicação e empolgação com o projeto, apresentando muitas sugestões de “ação concreta” para implementar o que foi aprendido na vida pessoal e para a Construção dos Territórios de Paz e Cidadania.

No grupo B participaram pedagogas do CAIC Helena Reis e pedagoga da Escola Classe 415. Alcançaram o público de professores do CAIC Helena Reis com o tema: *Formando Mediadores de Conflitos*. Diante do desafio da realização da primeira etapa do projeto, bem como a crença efetiva de que desse podem resultar ações efetivas que minimizem o efeito da violência na escola e também na certeza de que o trabalho em rede é imprescindível neste contexto, iniciamos a etapa da multiplicação. O grupo foi formado por três pedagogas. A partilha de ideias e sentimentos foram fundamentais no primeiro momento, a fim de que pudéssemos nos aproximar e perceber o sentido do projeto em questão. A multiplicação do curso para os professores foi vista pelo grupo como uma proposição de ações que pudessem agregar valor ao trabalho já desenvolvido pela escola no âmbito da resolução dos conflitos. O grupo manteve o planejamento original da primeira etapa, modificando apenas algumas vivências de integração. Foram realizados 4 encontros, com duração de 4 horas, no CAIC Helena Reis, às quartas-feiras. Compreendendo a dinâmica do trabalho na escola, quanto à organização do tempo, ambiente, disponibilidade dos professores que se interessaram em participar do grupo, alguns fatores diretamente contribuíram para que o trabalho fosse realizado conforme critérios do projeto e do planejamento elaborado com esta equipe. Colocaram-se em cena também algumas forças restritivas, ou seja, fatores

que influenciaram de forma a dificultar o alcance dos objetivos propostos.

Enquanto forças propulsoras, citamos: a disposição e a disponibilidade da equipe facilitadora; o interesse da equipe de professores que se propuseram a participar do curso nos dias de folga; a participação efetiva do grupo durante o curso; o desejo de continuidade, ou seja, da multiplicação de ideias, com vistas à elaboração de um projeto piloto de mediação de conflitos voltado para o público infantojuvenil atendido pela escola; a acolhida do curso e das ações a este pertinentes por parte da direção da escola; o dinamismo e a autonomia com que as facilitadoras conduziram os trabalhos. Quanto às forças restritivas, citamos: a decisão, por parte do grupo, de que o curso ocorresse no local de trabalho, dificultou, em alguns momentos, a participação de alguns profissionais, uma vez que esses eram solicitados para resolver problemas em outros setores da escola. Uma participante não pôde retornar; alguns profissionais fizeram a opção de se mudarem de escola no ano de 2014, o que poderá dificultar a realização do projeto piloto a ser implementado. Essa fase teve como ponto relevante também a crença da equipe no protagonismo infantil no âmbito da resolução de conflitos. Há um envolvimento e um grande interesse de continuarmos os estudos a fim de que possamos implementar este projeto no ano de 2014. Vivenciamos momentos importantes no sentido de ouvir os professores. Normalmente, eles são os primeiros a perceber e a intervir junto aos

alunos na resolução dos conflitos. Porém, precisamos continuar esse debate, pois conflito e violência são questões que ultrapassam os muros da escola, motivo pelo qual este projeto está sendo desenvolvido junto a outros atores sociais da comunidade, conforme relato anterior. Essas iniciativas provocam reflexões importantes e fomentam ações emergentes com vistas à construção de territórios da cultura e paz.

No grupo C participaram professores do CEF 427 e a estagiária do projeto. O alcance do público foi de 23 (vinte e três) estudantes do Centro de Ensino Fundamental 427, com o tema: Encontros Temáticos sobre mediação de conflitos para a construção de cultura de paz. “Vamos precisar de todo mundo para banir do mundo a opressão, para construir a vida nova, vamos precisar de muito amor”. A canção de Beto Guedes (tema da ação) expressa bem o movimento feito pelos vinte e três estudantes e cinco professores do CEF 427, juntamente com a estagiária Maria Cristina (Curso de Pedagogia – UCB Virtual), que aceitaram o desafio de na segunda etapa do projeto fazer encontros temáticos para conversar sobre os temas que envolvem a realidade social e, portanto, da escola, e que no cotidiano geram conflitos e formas violentas de lidar com eles. O desejo de fazer com que estudantes e professores encontrassem formas não violentas de resolver os conflitos era nitidamente presente na condução dos encontros e na forma criativa com que os professores(as)

preparavam cada encontro temático. Foram cinco encontros temáticos, realizados de 30 de setembro a 7 de outubro de 2013. O primeiro encontro teve como objetivo a acolhida dos estudantes no projeto, uma sensibilização para que todos assumissem o compromisso de estarem em todos os encontros e participar de forma ativa uma aproximação com a temática da mediação de conflitos. Nos outros encontros foram abordados os temas: Conflito e a resolução violenta e não violenta de conflitos; Violência e tipos de violência; Mensagens-Eu e Comunicação não Violenta; Vivências pedagógicas de situações de conflitos na escola. Músicas, poesias, charges, paródias, teatro, brincadeiras como telefone sem fio, vídeos e outros instrumentos foram utilizados para abordar de forma dinâmica os temas. No final de cada encontro, os estudantes tiveram um espaço para dizer como estavam se sentindo e os aprendizados que os encontros estavam proporcionando. Ouvimos que os aprendizados do curso estavam contribuindo com as mudanças nas atitudes não somente na escola, mas também em casa com seus familiares; que a experiência mostrou que a relação entre estudantes e professores pode ser diferente, mais próxima, mais afetiva. Dos(as) professores(as) foi muito bom escutar que estavam contentes e surpreendidos com a capacidade dos estudantes de apreenderem as discussões e os termos utilizados no curso e com a mudança de atitudes em sala de aula. Como supervisora do grupo, foi muito encantador perceber a

dedicação dos professores ao projeto. Não era só para cumprir as horas e para receber o certificado, mas estavam imbuídos do desejo de que os estudantes, assim como eles, pudessem aprender outra forma de ver os conflitos e, principalmente, de resolvê-los. E da parte dos estudantes também foi muito bom perceber como se envolveram na proposta. Foi um tempo bonito de viver e de alimentar a esperança em práticas pedagógicas que proporcionam outras formas de relações mais afetivas, respeitosas e menos violentas.

No grupo D participaram educadores e agentes de cidadania, alcançando um público de 18 (dezoito) estudantes dos 8º e 9º anos do ensino fundamental I do CEF 427 de Samambaia Norte (DF), com o tema: *Formando Mediadores de Conflitos*. Os professores que participaram da capacitação, no primeiro semestre de 2013, promoveram, na segunda etapa do projeto, a formação em mediação de conflitos com 18 estudantes dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental I do CEF 427 de Samambaia Norte (DF). Os encontros foram realizados na Universidade Católica de Brasília (UCB), Campus Taguatinga, em espaços diferenciados do território/cenário social habitual dos estudantes, para que os estudos e vivências dos conteúdos pudessem ser o mais agradável e prazeroso possível. Desde o início, tanto os professores quanto os estudantes demonstraram grande entusiasmo pelo projeto. Foram realizados alguns encontros de planejamento dos quais os professores tinham clareza que a segunda

etapa do projeto seria um laboratório de multiplicação dos aprendizados adquiridos por eles na etapa anterior. A proposta de formação dos estudantes em mediação de conflito teve como diretrizes as atividades lúdicas – dramatizações de situações de conflito vivenciadas no cotidiano da escola, danças circulares relacionadas com a cultura da paz e outras dinâmicas de motivação e integração grupal – e estudo pessoal e coletivo –, leitura individual e em grupo de textos sobre violência e não violência, mensagens-eu, escuta ativa, conflito e suas implicações no cotidiano do jovem, estratégias da não violência ativa, entre outros, e partilha em grupo das impressões dos conceitos refletidos à luz do território no qual os estudantes atuam.

Ao final da etapa, tanto os professores quanto os estudantes expressaram o desejo de continuar se encontrando na escola para refletir e viabilizar atitudes e ações concretas que contribuam para a consolidação de uma cultura de paz e de cidadania no território do CEF 427, a partir das relações em sala de aula, no pátio e nos arredores da unidade de ensino. Os professores que promoveram a formação com os estudantes tiveram a oportunidade de partilhar suas impressões pessoais a partir das aprendizagens adquiridas, bem como a percepção que tiveram dos estudantes a partir do curso.

Terceira etapa: monitoramento e descrição das estratégias implementadas pela escola para a resolução não violenta de conflitos

A terceira etapa do projeto consistiu no monitoramento e descrição das formas de resolução de conflitos implementadas naquele território de paz. Já a partir das primeiras aproximações com a escola, na apresentação e sensibilização para o projeto no Centro de Ensino Fundamental 427 da cidade de Samambaia (DF), foi possível conjecturar que os conflitos eram administrados “oficialmente” pela Coordenadora Pedagógica e/ou Orientadora Educacional. Tal configuração indicava, em princípio, uma desigualdade de poder na capacidade que cada pessoa envolvida no conflito tinha de fazer valer sua posição. Já no CAIC Helena Reis e Escola Classe 415, as pedagogas afirmaram a dificuldade dos professores em lidar com os conflitos trazidos pelos estudantes e suas famílias para o interior da escola, bem como uma falta de comprometimento dos educadores para a resolução dos mesmos. No CRAS e CREAS, a coordenação aponta que existe uma inabilidade por parte dos servidores em lidar com os conflitos, até mesmo os mais simples, deixando-os sob a responsabilidade do gestor local. Isso não se dá apenas pela “má vontade”, mas por desconhecimento de uma metodologia eficaz e também um esgotamento emocional em virtude das várias demandas de violação de direitos e violência. Sendo assim, o projeto contribuiu inclusive para ajudar os servidores

a lidar melhor com os seus conflitos e com os conflitos no espaço do trabalho.

Procuramos, portanto, mapear os conflitos existentes naquele território, assim como as estratégias de resolução que se encontravam em curso ali, segundo as categorias de temática de conflito, locus do início, locus de desdobramento, atores, papel social dos atores, conteúdo manifesto e latente, posição, interesse e estratégias utilizadas. Como se tratavam de categorias e variáveis conceituais, cuja compreensão dependida da aproximação com o referencial teórico utilizado na pesquisa, o instrumento de coleta de dados foi construído na forma de um questionário e os conceitos foram transformados em perguntas de fácil compreensão ao público em geral. A parte inicial do questionário dedicou-se à descrição detalhada do conflito, para que pudéssemos ter a ampla compreensão da situação trazida pelo participante. Trata-se de um trecho mais dissertativo, cujo tratamento metodológico mais apropriado foi o da análise qualitativa. Os participantes da pesquisa, da primeira etapa, foram esclarecidos acerca do objetivo, metodologia, duração e tratamento das respostas da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados foi realizada no início da primeira etapa, ocasião em que os participantes estavam ingressando na capacitação em mediação de conflitos. O questionário foi aplicado em versão eletrônica, acessado pelo AVA da Católica

Virtual, em encontro presencial das turmas do matutino e do vespertino, no Laboratório de Informática do Bloco M, do Campus I, em Taguatinga. O questionário foi hospedado por site e as respostas foram arquivadas em planilha eletrônica do software Excel.

Quarta etapa: análise qualitativa pela comparação das estratégias da resolução de conflitos anteriores e posteriores à capacitação

Verifica-se que, a partir das capacitações houve impactos na realidade, tanto nas relações na escola como na comunidade. Vale destacar que os parceiros participantes do projeto, onde está situado o CEF 427, CAIC Helena Reis e Escola Classe 415, CRAS e CREAS, ao participarem dos Laboratórios de Mediação de Conflitos, fortaleceram os vínculos sociais entre escola e comunidade, proporcionando a identificação e o acompanhamento posterior das demandas das famílias (pais que possuem filhos e filhas na escola), orientando e encaminhando seus integrantes para a superação das violências e a conquista de direitos sociais. Realizamos com o primeiro grupo, e por amostra no segundo, uma avaliação da efetividade dos laboratórios, em que o principal resultado se dá principalmente na construção de novas relações pautadas na cultura de paz, na resolução não violenta de conflitos e no respeito à diversidade e na comunicação não violenta. A maioria dos respondentes afirmou que colocarão em prática na vida pessoal os conteúdos dos

Laboratórios, partindo dos pressupostos da negociação, onde será privilegiada a escuta ativa e a comunicação não violenta, sendo que no espaço profissional darão especial atenção à Mediação de Conflitos, também destacando os princípios da comunicação não violenta –separar a observação de avaliação julgadora; identificar necessidades; identificar sentimentos e realizar de forma correta os pedidos.

Outros desdobramentos

Além dos atendidos diretamente, é possível perspectivar que o projeto já beneficiou mais de 1000 (um mil) pessoas, uma vez que, por demanda das multiplicações, outros segmentos nos solicitaram novas formações, além da modificação nos atendimentos diretos nas escolas e no CRAS e CREAS. Para além do previsto nas metas do projeto, realizamos a formação de 22 (vinte e dois) estudantes de diversos cursos da UCB, em parceria com o Projeto Relações Estudantis (PRELEST). Um encontro com a duração de 4h/a com todos os servidores da SEDEST, intitulado “Diálogo com os servidores”, onde o Secretário da SEDEST trabalhou as questões da estrutura interna e formação política, e o nosso grupo, a motivação para a comunicação não violenta e mediação de conflitos. Com isso, surgiram novas demandas de formação em mediação de conflitos.

CONCLUSÃO

Os participantes retornaram comentários positivos em relação à experiência no curso e à aprendizagem da mediação de conflitos. Podemos destacar, de início, uma mudança qualitativa na concepção da própria noção do que seja o conflito, transformando uma definição puramente negativa para uma perspectiva que vê possibilidades positivas no manejo do conflito. E, com isso, confirmamos que diferentemente da ideia em vigor no senso comum, o conflito não é um obstáculo à paz e reafirmamos que, para construir uma cultura de paz, é preciso mudar atitudes, crenças e comportamentos.

Ademais, podemos destacar a dimensão atitudinal da formação oferecida pela UCB. O projeto tem, de maneira muito presente, o compromisso da UCB em elevar o nível humanístico dos educadores brasileiros, conforme destacado em sua missão: “Atuar solidária e efetivamente para o desenvolvimento integral da pessoa humana e da sociedade, por meio da geração e comunhão do saber, comprometida com a qualidade e os valores éticos e cristãos, na busca da verdade”. Nesse sentido, a capacitação que aqui se desenvolveu procurou, acima de tudo, formar cidadãos que contribuam para o desenvolvimento do país em todos os níveis, conforme expresso na Carta de Princípios, de 1998.

“o conflito não é um obstáculo à paz e reafirmamos que, para construir uma cultura de paz, é preciso mudar atitudes, crenças e comportamentos”

Dessa forma, compreende-se que o projeto aliou duas importantes ações que se somam para o desenvolvimento de uma cultura de paz: o manejo positivo do conflito e a atitude ética humanística. Dessa atitude humanística e positiva em relação ao conflito decorre a prática da receptividade em relação ao outro e assim se adota uma postura não violenta. Sabendo que o conflito pode ser encarado de forma positiva, os participantes observam a necessidade do mediador na construção de uma cultura de paz. É necessário pensar, portanto, no desafio que a formação de mediadores representou, no sentido de promover habilidades, conhecimentos e atitudes apropriadas à mediação de conflitos.

Visualizamos alguns desdobramentos do projeto, tais como: ações nos CRAS, ampliação do projeto com toda a SEDEST e a Secretaria de Educação e a formação de núcleos de mediação de conflitos.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. L. H.; PINHO, L. G. O direito social à segurança no ambiente escolar, **Revista Dialogos**: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio sociopolítico. Brasília, v.17, n.1, p.26-37, jun. 2012.
- CECCON et al. **Conflitos na Escola**: modos de transformar dicas para refletir e exemplos de como lidar. São Paulo: CECIP, 2009.
- CONIC. CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS. **Cultura de Paz**: guia para a Transformação Social. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- NININ, Maria Otilia Guimarães. Pesquisa na escola: que espaço é esse? O do conteúdo ou o do pensamento crítico? **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 48, dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2013.
- SEIDEL, Daniel (Org). **Mediação de conflitos**: a solução de muitos problemas pode estar em suas mãos. Brasília: Vida e Juventude, 2007.
- UCB. **Laboratórios de Mediação de Conflitos na Construção de Territórios de Cultura de Paz e Cidadania**. Projeto aprovado pelo CAEX/UCB em 25/07/2012.
- WEILL, Pierre. **A arte de Viver em Paz**. Por uma nova consciência e educação. São Paulo: Editora Gente, 2002.